

Trump e o Brasil: impactos de curto e médio prazos

#06/11/2024

Este documento oferece uma análise inicial dos possíveis efeitos da recente vitória de Donald Trump sobre o Brasil, considerando o cenário ainda em maturação e as condutas que o governo brasileiro e o Itamaraty poderão adotar no futuro próximo.

O potencial impacto sobre as relações econômicas, comportamento geopolítico e instituições nacionais brasileiras levanta reflexões que, embora preliminares, indicam áreas estratégicas que podem ser afetadas pela transição política a ser experimentada nos Estados Unidos nos próximos meses.



Fiscal, câmbio, juros e balança comercial

A perspectiva de um governo Trump com políticas protecionistas poderá promover mudanças nas relações comerciais entre Brasil e Estados Unidos.

A iminente adoção de tarifas de importação mais elevadas sugere riscos para setores brasileiros exportadores, particularmente aqueles cuja competitividade depende do mercado norte-americano. Esses impactos, ainda incertos em sua amplitude, requerem vigilância, pois um endurecimento das políticas comerciais dos EUA criaria desafios para diversos produtos brasileiros no mercado internacional.

Além disso, a possível desvalorização do real diante de um cenário externo adverso pode ser um fator de instabilidade para a economia nacional. A expectativa de uma política econômica norte-americana mais austera, combinada com uma inflação global possivelmente ascendente, pode levar o Federal Reserve a adotar uma postura de elevação nas taxas de juros.

Tal medida ampliaria a atratividade dos títulos do Tesouro americano, considerados um dos investimentos mais seguros do mundo, e tenderia a redirecionar os fluxos de capital global para os Estados Unidos, afetando diretamente economias emergentes como a brasileira. Nesse contexto, uma política fiscal rigorosa, pautada pelo controle das contas públicas, ganha importância estratégica para o Brasil.

O tema ganha ainda mais relevância em um momento crítico, pois o ministro da Fazenda, Fernando Haddad, se encontra em intensas discussões com outras áreas do governo para a elaboração de um pacote de medidas de contenção de despesas.

O objetivo é cumprir o arcabouço fiscal, conter o avanço das despesas obrigatórias que pressionam o orçamento e demonstrar um compromisso mínimo com o equilíbrio das contas públicas, projetando já o orçamento de 2025.

Esse é um ponto de inflexão no debate fiscal brasileiro, marcado por divergências internas dentro do próprio governo sobre o escopo e a profundidade dos cortes de despesas, inclusive em áreas sensíveis socialmente.

Essas áreas representam uma base política importante para o presidente Lula e influenciam diretamente sua popularidade, além de impactarem as perspectivas para uma eventual tentativa de reeleição em dois anos.

A coincidência dessa conjuntura fiscal com a vitória de Trump acrescenta um peso extra ao compromisso com a responsabilidade orçamentária, que se torna uma frente de debate ainda mais crítica e politicamente sensível no governo brasileiro.

Geopolítica e dinâmica regional

No campo geopolítico, a vitória de Trump introduz variáveis que podem tensionar a aspiração do presidente Lula de restabelecer uma posição de liderança na América Latina. A ascensão de lideranças de viés conservador, como Javier Milei na Argentina, reforça as correntes ideológicas que contrastam com a linha política adotada pelo governo brasileiro. Esse cenário sugere desafios ao esforço de Lula para reafirmar-se como uma referência progressista e estabelecer uma coalizão regional.

O quadro se complica ainda mais para Lula, pois o presidente brasileiro, de esquerda, decidiu revelar publicamente sua preferência pela candidata derrotada Kamala Harris, em entrevista concedida a três dias da eleição. Conduta, aliás, incomum e bastante criticada no âmbito diplomático, que costuma ser refratário a posicionamentos que indiquem interferências em temas da agenda política doméstica de países parceiros comercialmente.

Contudo, é fundamental lembrar que Brasil e Estados Unidos mantêm uma relação histórica e estratégica, e, apesar das divergências de natureza ideológica, é improvável que Washington busque um confronto direto com Brasília.

A diplomacia norte-americana, reconhecendo a importância geopolítica e comercial do Brasil como principal potência econômica da América do Sul, tende a buscar uma convivência pragmática.

Sobretudo porque, considerando que os EUA mantêm uma rivalidade global com a China, vocalizada em grande medida pelo próprio Trump, o Brasil continua sendo um aliado relevante para os americanos no hemisfério ocidental. Esse contexto, portanto, reforça a necessidade de prudência por parte do governo brasileiro, que deverá equilibrar suas posições ideológicas com uma estratégia diplomática que preserve os laços históricos e de cooperação com os Estados Unidos.

Clima e energia

A eleição de Donald Trump representa um novo obstáculo à agenda ambiental e de transição energética do presidente Lula, que tem buscado se estabelecer como líder global nessas questões.

Trump, conhecido por seu ceticismo em relação às mudanças climáticas e por políticas que favorecem indústrias de alta emissão de carbono, representa uma atitude diametralmente oposta à do governo brasileiro, que coloca o combate ao desmatamento e a transição para uma economia de baixo carbono como prioridades em sua diplomacia internacional.

Para Lula, o Brasil ocupa uma posição estratégica na questão climática, devido à relevância da Amazônia como reguladora do clima global e ao potencial do país em energias renováveis, como eólica e solar.

O governo brasileiro tem alavancado essa vantagem competitiva para reforçar seu papel nas discussões globais sobre meio ambiente e sustentabilidade, além de buscar apoio financeiro e tecnológico de países desenvolvidos para enfrentar os desafios da preservação ambiental e da transição energética.

No entanto, com a volta de Trump à Casa Branca, é provável que o espaço para cooperação internacional em torno dessas pautas diminua, uma vez que o republicano tende a adotar uma política ambiental permissiva e alinhada aos interesses de setores tradicionalmente resistentes a regulamentações ambientais rígidas.

Esse cenário cria dificuldades objetivas para o avanço da agenda climática de Lula, uma vez que os Estados Unidos, sob uma administração republicana, podem não apenas reduzir o apoio a acordos climáticos globais, mas também promover políticas que incentivem a exploração de combustíveis fósseis e o desenvolvimento de infraestruturas de alto impacto ambiental.

Tal posicionamento fragiliza iniciativas multilaterais de combate ao aquecimento global e pode desencorajar o financiamento de projetos sustentáveis em países emergentes, como o Brasil, que dependem de investimentos externos para acelerar a transição energética.

Implicações Institucionais

No plano institucional, a vitória de Trump encoraja figuras conservadoras e setores empresariais que contestam os sistemas jurídicos e regulatórios em diversos países, incluindo o Brasil.

A atuação de Elon Musk, megaempresário alinhado ao conservadorismo americano, é emblemática nesse sentido, considerando o recente embate com o Supremo Tribunal Federal. Após uma disputa intensa, Musk se viu obrigado a acatar as determinações judiciais brasileiras para restabelecer o funcionamento da plataforma X, anteriormente suspensa no Brasil. Esse episódio reflete um cenário de tensões crescentes entre o setor privado de tecnologia e as instituições nacionais, o que pode ganhar nova força com a ascensão de uma liderança republicana nos EUA.

As instituições brasileiras, em especial o STF, têm se colocado de forma assertiva no enfrentamento de questões ligadas à desinformação e à regulação de plataformas digitais, o que representa um campo potencial de fricção com figuras influentes do empresariado americano que terá papel decisivo no suporte à nova gestão trumpista.

Assim, o fortalecimento de uma agenda que equilibre liberdade de expressão com a responsabilidade legal é fundamental para assegurar a autoridade do sistema judiciário brasileiro e resguardar o país de influências desestabilizadoras vindas do cenário internacional.

Considerações finais

Este levantamento preliminar, que se debruça sobre os possíveis desdobramentos da eleição de Donald Trump, revela um quadro de agudos desafios, mas também de oportunidades de reafirmação da autonomia e da capacidade diplomática do Brasil, ativo reconhecido em diversos fóruns multilaterais no mundo.

A longa parceria entre Brasil e Estados Unidos, construída ao longo de décadas, oferece uma base sólida para a manutenção de uma relação de respeito e pragmatismo, mesmo em um cenário de polarização ideológica.

A conduta do governo brasileiro nas próximas semanas e meses será determinante para definir como o país se posicionará no novo contexto geopolítico e econômico, preservando a estabilidade interna e reforçando seu papel de interlocutor diplomático no cenário internacional.

Fábio Zambeli

Sócio e VP de Assuntos Públicos da ágora

ágora:

Be the conversation

